

Ponto de Vista

Nova estimativa histórica do PIB brasileiro: 1574 até 1920

Samuel Pessoa

Pesquisador associado do FGV IBRE

Guilherme Lambais, professor assistente da Universidade Lusíada em Lisboa, e Nuno Palma, professor de economia da Universidade de Manchester, Inglaterra, acabam de circular um trabalho, ainda não publicado, em que calculam a evolução do PIB *per capita* brasileiro desde 1574 até 1920.¹

Os ingredientes para o cálculo do PIB *per capita* são uma série de salário real para trabalhadores desqualificados e qualificados para esse período, séries de preços de alimentos e de outros bens, também para 1574 a 1920, bem como série da produção agrícola e da população para o mesmo período. A partir de fontes secundárias, há séries para a população total, agrícola, livre e escravizada.

As séries de preços e de salários foram obtidas das fontes secundárias disponíveis bem como

de fontes primárias, desde registros das Santas Casas, Torre do Tombo, em Lisboa, e outras fontes. As séries para salários foram construídas em outro *paper* da dupla.² Os autores coletaram 11 mil preços de bens em diversas cidades brasileiras para o período e 23 mil dados de salários.

Para estimar o PIB *per capita*, o primeiro passo é estimar a produção agrícola *per capita*, que não foi observada. Empregando método amplamente usado pelos historiadores para reconstruir a série de PIB *per capita* para os países europeus desde o final da Idade Média, os autores supõem que há uma relação bem estabelecida entre a renda, no caso os salários, o custo real dos alimentos, o custo real dos demais bens e o consumo de bens agrícolas. A partir da observação da renda, e dos preços

reais dos alimentos e das demais mercadorias, é possível determinar a demanda de bens agrícolas. E, a partir desta, a produção.

Evidentemente, para aplicar este método para o Brasil os autores precisam considerar que parte da população, a população escravizada, tem um consumo constante de subsistência, que não se eleva com a renda ou com a produtividade do trabalhador. A menos deste ajuste, o método adotado pelos autores foi empregado para o cálculo da produção agrícola *per capita* para outros países da Europa entre 1300 e 1800.³

Dada a produção de bens agrícolas e dada a população empregada no setor agrícola, e sob a hipótese de que a produtividade relativa do trabalho entre a agricultura e os demais setores é fixa ao longo do tempo, é possível estimar a produção total. Da produção total e da população segue a produção *per capita*.

O resultado do exercício é que o PIB *per capita* brasileiro era muito elevado no final do século XVI até as primeiras décadas do século XVII. A partir desse ponto, o PIB *per capita* se reduz continuamente até meados do século XIX, quando se inicia um período de elevação. Na virada do século XIX para o século XX, o PIB *per capita* atinge o nível de 1600! No ciclo do ouro, de 1720 até 1770, aproximadamente, a queda do PIB *per capita* estanca, e a economia essencialmente anda de lado.

A série observada de PIB *per capita* apresenta o mesmo desenho da narrativa que Celso Furtado construiu para a economia brasileira em seu clássico de 1959, *Formação econômica do Brasil*. Podemos dizer que Furtado acertou! Furtado enxergava a grande estagnação brasileira como fruto da baixa demanda do mundo por nossas *commodities*, principalmente em seguida à competição do açúcar das Antilhas a partir de meados do século XVII. Adicionalmente, a falta de um mercado doméstico, em função do trabalho não ser assalariado, não gerou mercados para sustentar o crescimento. A explicação de Lambais e Palma é um pouco diferente.

O resultado do PIB *per capita* acompanha de perto a série de salários diretamente observada. No trabalho sobre a evolução dos salários, os autores mostram que há uma relação clara entre elevação da oferta de trabalhadores escravizados e queda dos salários dos trabalhadores livres. A relação é direta e faz todo o sentido lógico. Quando se eleva a oferta de trabalhadores escravizados, é natural que a demanda por trabalhadores livres se reduza.

Uma outra forma análoga de enxergar o equilíbrio em uma economia escravista é lembrar que há uma economia com oferta elástica de trabalho. Isto é, é sempre possível trazer escravizados da África ao preço dado pela soma do custo de transporte ao longo do Atlân-

O PIB *per capita* brasileiro era muito elevado no final do século XVI até as primeiras décadas do século XVII. A partir desse ponto, o PIB *per capita* se reduz continuamente até meados do século XIX, quando se inicia um período de elevação

tico, conhecido na época como a passagem, com o preço pago pelo traficante na costa da África. Este custo, por sua vez, será igual ao valor presente descontado do excedente futuro gerado pelo trabalhador escravizado. Ou seja, a produtividade do escravizado está dada pelo custo dele. Se há algum progresso tecnológico, que eleva a produtividade do escravizado, a demanda pelo trabalhador elevar-se-á, até que no novo equilíbrio a produtividade caia ao nível dado pelo custo do escravizado. Evidentemente, no novo equilíbrio o proprietário de escravo está mais rico, pois ele tem mais escravizados. Mas a produtividade de cada escravo é igual à pro-



atividade que vigorava antes da elevação da produtividade pelo progresso técnico. Tecnicamente, se diz que o equilíbrio de uma economia escravista se comporta analogamente ao equilíbrio de uma economia malthusiana. No mundo malthusiano a elevação da produtividade, portanto, da renda, gera uma elevação da natalidade até que a renda caia. No longo prazo, a produtividade do trabalho está fixada, independente da tecnologia. No modelo malthusiano, pelo custo da subsistência; e, no modelo escravista, pelo custo do escravizado.

Assim, a falta de crescimento da renda *per capita* deve-se diretamente a sermos uma economia escravista. Lambais e Palma exploram outras implicações da economia escravista. Além de manter deprimidos os salários dos trabalhadores livres, ela desestimulava o investimento em progresso técnico que elevasse a eficiência do trabalhador. É razoável considerar que a queda do PIB *per capita* tenha ocorrido em função da queda dos preços do escravizados no Brasil, fruto da queda do custo da passagem pelo Atlântico Sul. A melhora tecnológica na indústria naval e na navegação em geral deve ter barrado o escravizado. A figura 6 no trabalho de Lambais e Palma, sobre os salários, sugere que o preço dos escravizados sobe até 1720 aproximadamente e cai lentamente até 1800.

A estimativa tem inúmeras limitações, como, aliás, as estimativas feitas para outros países com a mesma metodologia também têm. A inferência do consumo agrícola *per capita* supõe grande estabilidade na demanda por alimentos. Também é necessário supor que a produtividade dos demais setores, relativa à produtividade da agricultura, é constante por séculos. Todas essas hipóteses são frágeis e podem ser melhoradas em estudos posteriores.

Lambais e Palma nos oferecem uma primeira estimativa. É muito bem-vinda. O resultado faz sentido em função do que conhecemos da nossa historiografia. Evidentemente, críticas à contribuição dos autores não ajudam muito. Novas estimativas que relaxem hipóteses fortes feitas pelos autores e gerem aferições mais precisas da trajetória do PIB *per capita* serão bem-vindas. Em questões como esta, a superação será sempre positiva. Lambais e Palma nos apresentaram uma série. É o que temos hoje. Se houver uma estimativa melhor no futuro, será ótimo. ▀

¹How a nation was born: Brazilian economic growth, 1574-1920. Disponível em: <https://go.fgv.br/SHbRSNPElem>, mar. 2026.

²African slavery and the reckoning of Brazil. Disponível em: <https://go.fgv.br/FD1ToWyFrbI>, out. 2025.

³Ver Allen, Robert C. Economic structure and agricultural productivity in Europe, 1300-1800. *European Review of Economic History*, v. 3, p. 1-26.